



JUDITH TEIXEIRA E O SEU LEGADO

Maria Lúcia DAL FARRA¹

Fabio Mario da SILVA²

Isa Vitória SEVERINO³

Judith Teixeira (1880-1959) é uma especial figura no panorama literário português dado o caráter *suis generis* da sua obra, que chegou a abalar o *status quo* instituído, mercê da sua diferencial força criativa: a capacidade de ousar, de plasmar o corpo e elevar o desejo feminino a um grau até então sequer insinuado. Para precisar sua proeminência dentro desta literatura, é preciso frisar que a autora de *Decadência* despertou a ira e o mal-estar do público mais conservador, devido ao conteúdo *queer* de seus poemas. Ao lado das obras de António Botto (*Canções*) e de Raul Leal (*Sodoma divinizada*), o seu citado livro integrou a polémica “Literatura de Sodoma” (1923), que expôs claramente a animosidade social e política face a esse discurso desviante do cânone. Por isso mesmo, foram todas as ditas produções censuradas e recolhidas pelo Governo Civil de Lisboa. Sobre a apreensão da sua obra, Judith Teixeira expõe a sua opinião nos jornais. Um episódio ilustrativo é a reportagem intitulada “A Polícia e as Letras. O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira.”, publicada a 6 de março de 1923 no *Diário de Lisboa*. Nessa reportagem, Judith declara que não seria a última injustiça cometida pelos homens e afirma que o seu livro pode conter “qualquer nota decadente, uma ou outra mancha de côr sensual, mais rubra, além da meta dos preconceitos, mas também lá se encontra muita ansiedade, muita dôr, muita alma – e tudo é méra atitude literária.” (TEIXEIRA, 1923, p. 5). A autora relembra que obras como as de Émile Zola, Filipe Trigo, o marquês d’Hoyos, Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Santa Teresa de Ávila e até a própria Bíblia possuem o “genio sensual, sem que por isso se tenha

¹ Professora titular aposentada da Universidade Federal de Sergipe.

² Professor de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pesquisador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Univ. do Porto.

³ Professora de Língua e Literatura do Instituto Politécnico da Guarda.



turvado o sono dos meus opressores” (*idem, ibidem*). Crê que o seu livro não merece tanta “celebridade” e não tem dúvidas que quando as autoridades lerem a obra, vão restituí-la às livrarias. Revela que o livro já se vendia regularmente e que as pessoas que não a conhecem pessoalmente supõem que ela publicaria um “livro menos delicado”. Judith diz, nessa entrevista, que há necessidade de moralizar a sociedade, mas difícil seria fiscalizar e definir “com inteireza esta palavra moralista!” (*idem, ibidem*)⁴. A “autora apreendida”, como refere a reportagem, lembra que as atividades da arte nada têm a ver com as da vida e se as autoridades persistirem em impedir que seu livro seja posto à venda, receberão a resposta do seu advogado contra esse ato que considera ilícito. Termina a entrevista confessando que tem intenção de publicar um outro livro de versos que seria “muito sereno, muito espiritual” e que certamente não iria ofender a “moralidade literária da polícia”⁵ (TEIXEIRA, 1923, p. 5).

Judith é, portanto, uma mulher pioneira na Literatura Portuguesa, já que canta o amor lesbo sem amarras sociais. Suas publicações refletem, ao mesmo tempo, as estéticas contemporâneas, tais como o decadentismo-simbolismo e o modernismo, tendo granjeado crescente interesse tanto de investigadores quanto de leitores curiosos.

Recordemo-nos que René Pedro Garay, um dos primeiros estudiosos da obra judithiana, atribui a ela “uma importância ideológica no movimento modernista”, devido à sua “honestidade sexual”, à “experimentação fónica” e às “imagens oníricas” fortes e inusitadas que permitem aproximá-la do Modernismo hispano-americano. (2001, p. 60). Por seu turno, *Decadência* de Judith Teixeira constitui, segundo Cláudia Pazos Alonso, para além de um caso de “inversão sexual” (terminologia usada por Pessoa entre outros), a “imagística sexual”, “duplamente ousada para a época e que por ser de autoria feminina, causou desconforto” (2015, p. 29).

Em 2015, Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva trouxeram a lume um volume que recolhia a obra já publicada da Autora e uma série de textos inéditos que perfazem, por sua vez, uma espécie de pré-história da poesia judithiana.

⁴ Entrevista disponível no seguinte endereço eletrónico:
<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05740.004.00865>, acesso em 16 de maio de 2023.

⁵ Uma referência ao livro *Castelo de Sombras*, ainda publicado em 1923.



Também o congresso internacional em homenagem à autora realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Palácio da Independência, no mesmo ano, contribuiu para o crescente interesse sobre a obra de Judith Teixeira.

A *Revista Entheoria* dedica agora um número especial à autora, que comprova o crescente interesse sobre a obra de Teixeira que se vinha perfilando. Conta com o contributo de investigadores oriundos de Brasil, Portugal, Itália, Inglaterra e Estados Unidos, que estabelecem o diálogo entre Judith e autores diversos, nomeadamente, Mário de Sá-Carneiro (Barbara Gori), Florbela Espanca (Andréia Andrade), Renée Vivien (Samantha Pios), Gilka Machado (Matteo Pupillo). Encontram-se também abordagens que incluem Judith no cenário da literatura lesboerótica em Portugal (Andréia Castro e Eduardo Cruz) e antisaudodista (Fernando Cascais), as polémicas em que se envolveu (Andreia Oliveira), características sobre algumas obras como *Castelo de Sombras* (Fabio Mario da Silva) e *De Mim* (Chris Gerry), as motivações subjacentes ao uso do seu pseudónimo Lena de Valois (Cátia Canêdo e Fabio Mario da Silva), bem como de uma possível herdeira de Mariana Alcoforado e mãe das “três Marias” (Nefatalin Gonçalves Neto). Há ainda uma entrevista sobre Judith Teixeira concedida por Cláudia Pazos Alonso a Maria Lúcia Dal Farra. Por fim, o dossiê encerra com duas resenhas das principais obras de/ e sobre a autora: o compêndio *Judith Teixeira: ensaios críticos no centenário do modernismo* (Edson Santos Silva) e da obra *Prosa e Poesia* (Org. Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva) (Elisangela Steinmetz).

Na senda das comemorações dos 100 anos da publicação de *Decadência* e *Castelo de Sombras*, esse dossiê tenta revelar novas facetas dessa artista que buscava nos

(...) braços delgados, e brancos, e nus da minha
 Quimera
 em cujas curvas de Perturbação e de Sonho
 musical, eu descobri o ritmo selvagem e
 sonoro de viver! (Judith Teixeira, 2015)

Uma mulher-poeta que viveu num Portugal amordaçado, que cerzia a liberdade de expressão, mas que apesar do contexto adverso, descobri[u] e libertou o “ritmo selvagem” enfrentando sonoridades dissonantes, demolidoras, mas que não calaram o “ritmo sonoro de



viver”. É por essa razão que este número especial constitui um importante tributo a Judith Teixeira, que ousou ser e foi perscrutora de outras vozes e de outros textos.

REFERÊNCIAS:

ALONSO, Cláudia Pazos. “Judith Teixeira: um caso modernista insólito”. In TEIXEIRA, Judith. Poesia e Prosa. Org. e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva Lisboa: Dom Quixote, 2015, p. 21-38.

GARAY, René Pedro. “Sexus sequor: Judith Teixeira e o discurso modernista português”. In Faces de Eva: Estudos sobre a mulher. N.ª 5. Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 59-60.

SILVA, Fabio Mario da; RITA Annabela; DAL FARRA, Maria Lúcia; VILELA, Ana Luísa; OLIVEIRA, Ana Maria Oliveira (Orgs.). Judith Teixeira: ensaios críticos. No centenário do Modernismo. Viseu: Edições Esgotadas, 2017.

TEIXEIRA, Judith. “A Polícia e as Letras. O caso da apreensão dos livros e o que nos afirma D. Judith Teixeira”. In Diário de Lisboa. Nº 586. Ano 2. Terça, 6 de Março de 1923. Fundação Mário Soares / DRR - Documentos Ruella Ramos. Disponível em: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_32787. Acesso em 16 de maio de 2023.

TEIXEIRA Judith. Poesia e Prosa. Organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.